



Quinta do Salvador
2150 GOLEGÃ

23 de Fevereiro de 2008

Caro Criador

Aproxima-se o término do mandato dos actuais órgãos sociais da APSL! No último sufrágio, por honrosa sugestão e amável convite de uma grande facção de criadores, liderei uma lista que então se apresentou como uma alternativa para a mudança e evolução seguras da nossa Associação. Acompanharam-me, na qualidade de candidatos aos órgãos sociais, António de Lima Lopes, António Frazão Pedroso, Alberto Casquinha, Domingos Figueiredo (Graciosa), Fernando Van Zeller Palha, Henrique Abecasis, José Carlos Azevedo Nicolau, José de Castro Canelas, José Luís d'Andrade, José Manuel Anacleto, Luís Lupi, Luís Rosado, Manuel Maia Correia, Manuel Diniz, Maria João Oliveira e Sousa, Maria do Rosário Infante da Câmara, Pedro Passanha, Rodrigo Coelho de Almeida, Rui Vilhena d'Andrade, Tiago Brito Paes e Vítor do Amaral Vergamota. Comigo sujeitaram-se e deram a cara perante os "velhos e os novos do Restelo", os satisfeitos, os descontentes, os sérios, os desonestos, os corajosos, os medrosos e os comodistas que ficam sempre do lado seja de quem for, desde que ganhe, quer por mérito próprio, quer por louvor ou habilidade de outros!

Apresentávamos convicções, ao invés de conveniências. Mostrávamos princípios, ao contrário de interesses. Colocávamos a ambição ao serviço da contribuição. Com esperança e boa fé queríamos quebrar o "enguço" a que desde há muito parecia estar fadada a Associação.

Serenos e tranquilos, concorremos sem pedidos insistentes, massacrantes e suplicantes para aderirem ao nosso projecto. Falámos de nós, não dos outros e com elevação, abertura, transparência, não prescindindo de firmeza e coragem, apontámos erros, atitudes menos correctas, apresentámos alternativas e mostrámos a estratégia e a programação, através de um conjunto de linhas de força e orientações genéricas, para uma futura gestão efectiva e participada.

Confiantes pelo ecos de uma maioria, seguros pelas nossas capacidades, conscientes do trabalho, da responsabilidade e dos problemas que nos aguardavam, submetemo-nos ao voto dos Sócios Criadores, no dia 23 de Março de 2005, num acto que decorreu em Lisboa, na Sociedade Hípica Portuguesa.

Como é do conhecimento de todos não alcançámos o nosso objectivo, apesar de termos granjeado um número de votos com o qual, salvo erro, nunca fora ganha uma eleição na APSL. Saíu vencedora a lista liderada pelo nosso colega criador e meu amigo Manuel Campilho, ao qual no final dirigi algumas palavras de manifesto desejo dos maiores sucessos na "aventura" que ele ali iniciava. Terminava ali, naquele momento, e para sempre, a minha disponibilidade para qualquer cargo ou candidatura à APSL e continuava a amizade pessoal de há muitos anos com o Eng. Manuel Campilho, até hoje salvaguardada e mantida! E porquê a indisponibilidade total?

1- *por desânimo e decepção* face à complexidade e à resistência de alguns em aceitarem, quer por ingenuidade, quer por "pureza" de espírito, que ao longo das últimas décadas se vem instalando um certo *status quo* nocivo à saúde da Associação e aos objectivos dos Criadores, por dificuldade em romper ou em mudar formas, modos e hábitos instalados, defendidos por um "nicho" quase com laivos de corporação, atitude sentida pela nossa lista aquando da candidatura.

2- *pela impossibilidade evidente de uma reforma* "estrutural", porque qualquer tomada de deliberação pertinente e oportuna, mas por ser mais ousada, poderá ver sempre a sua efectividade comprometida, por uma aprovação inviável, já que os associados além de estarem, em determinadas situações, reféns pelos seus próprios estatutos, vêm se "adaptando", alheando-se, não se implicando com sugestões/propostas alternativas e inovadoras.

3- *pela enorme dificuldade em liderar uma mudança que adicione valor e evite a estagnação*. Qualquer presidente da Direcção, mesmo que animado de uma grande vontade de "alterar", enfrentará vicissitudes e obstáculos permanentes.

Mas a minha indisponibilidade não incapacita, nem me inibe de sugerir, uma proposta em prol da criação do Lusitano, que urge defender, preservar e melhorar. Sinto-o como um dever de cidadania, coadjuvado por um sentimento de respeito pela memória das quatro gerações que me antecederam e foram uma das principais famílias responsáveis pelas actuais características do Lusitano, que hoje é um nosso digno "embaixador" no continente europeu e americano! Na realidade, vem existindo um mal-estar difuso que alastra e mina!!

Tive recentemente conhecimento da carta do nosso colega criador Dr. Domingos Graciosa (Coudelaria Quinta do Figueiral), *da qual me demarco, independentemente da sua razão*, ao Presidente da Fundação Alter-Real, Eng. Vítor de Barros, da qual deu conhecimento ao Presidente da APSL. Nela se refere a situações anómalas, que a muitos vêm preocupando, relativas à objectividade de critérios de classificação e de arbitrariedades, que poderão culminar, segundo o autor, na instrução de procedimento criminal. A APSL deveria ter mostrado rapidamente a sua intenção de sanar os problemas denunciados e não deixar arrastá-los. Estou certo de que o Presidente da Fundação Alter Real, actual Autoridade Nacional para o Sector de Equinicultura, na qual represento o Município da Golegã, como sócio co-fundador, tudo fará para tentar clarificar e posteriormente corrigir situações de injustiça e de desigualdade, que a comprovarem-se só desprestigiam a APSL e os seus sócios. Mas mácula maior será o não conseguirmos evitar a todo o custo um processo jurídico!

Perante estes factos, e sobretudo por se avizinhar o acto eleitoral, abordei o Eng. Vítor de Barros, o Eng. Manuel Campilho e o Dr. Domingos Graciosa, aos quais expressei o meu entendimento e a minha proposta, que agora ficam também do conhecimento de todos os Criadores associados ou não. Assim:

1- o actual Presidente da APSL, que agora termina o seu mandato, deverá ser reconduzido no cargo! Não é a amizade por Manuel Campilho que me induz ou me "aconselha". Três anos poder-lhe-ão ter sido insuficientes para imprimir condutas, sobretudo quando as mudanças são indesejáveis e atenuadas sempre por aqueles que julgam entrarem em

“perda”, caso sejam implementadas. E o Eng. Campilho seguramente disso é conhecedor e já fez o seu diagnóstico. Terá de instituir a terapêutica, se é que já não a iniciou, e para isso precisa de apoio, de meios e de tempo, porque em relação ao seu perfil e capacidades, o seu percurso profissional atesta e legitima-o para continuar.

2-a criação cavalar e o associativismo actuais exigem reflexão e debate, que têm sido praticamente nulos. Há que formular e construir melhores soluções para defesa dos criadores e do Lusitano, que é nado e criado na “Lusitânia”. E não podemos esquecer as possibilidades do novo quadro comunitário (QREN). Inegavelmente constata-se uma rotina comprovada que poderá ser devastadora e a isso chama-se risco! Por isso, na actualidade, só se me afigura uma estratégia que parece ser essencial e indispensável:

a) a criação de um movimento associativo cujo objectivo seja prioritariamente, o do pluralismo de intervenção e o do respeito pela diversidade. Assim nascerá pela vontade de alguns, hoje, e de provavelmente de muitos, amanhã, a PRL, União dos Criadores Portugueses do Cavalo Pura Raça Lusitana. Aliás, é já uma realidade, em movimento e imparável!! É óbvia a rápida contestação que se prevê ao termo “Pura Raça”. Na verdade, a denominação “Puro Sangue” foi um prodigioso momento e achado de “marketing”, com sucesso e que não se deve menosprezar, antes pelo contrário, mantê-lo, apesar de Puro Sangue ser um animal sem inclusão de nenhum material genético de outro animal similar, ou seja, de raça ou família, ou género e ou espécie, o que não corresponde à realidade do Lusitano. Todos sabemos que o “sangue”, em si mesmo, nada tem a ver com a transmissão da hereditariedade material e não deveria ser usado para designar um tipo racial. As características da herança física que inclui o tipo sanguíneo, são transmitidas pelos genes e não pelo sangue. Talvez por isso, os espanhóis, geralmente com melhores “rasgos” e mais imaginativos quando se trata de promover um produto, tenham optado por PRE, Pura Raça Espanhola. Perceberam certamente que o conceito de raça pura é mais realístico e útil, porque é conseguido através de intensa e persistente selecção, dando uma notável uniformidade de muitos traços físicos, conduta e temperamento.

b) a sustentabilidade e o empreendedorismo passam pela inovação, na qual a PRL será uma mais valia, a considerar por todos, já que se inicia como parceira e não como concorrente da APSL, sendo somente uma corrente de contributo e de orientação. Mas, será de equacionar, caso a APSL não se evidenciar como uma associação de todos e para todos, que os integrantes da PRL deixem o seu actual objectivo de ser um “movimento” e possam vir a assumir também igual papel da APSL. Nesse caso, o Stud-Book terá de ser da responsabilidade da Fundação de Alter Real, que tutelará as duas associações. Pressinto já, como é tradicional, os “profetas da desgraça”. Que esta “União” vai desunir, que nos irá enfraquecer perante as associações estrangeiras, etc,etc.! O que nos diminui são seguramente as atitudes e os critérios, que alguns põem em causa. A profecia em tempos era uma arte bem apreciada e muitos ainda hoje têm-se como grandes futurólogos. Infelizmente nos últimos tempos a aptidão para acertar tem sido reduzida. Sinto-me orgulhoso dos portugueses que foram de grande visão, entre os quais se incluem uma elite de criadores que motivaram, nomeadamente na primeira metade do século passado, a actual pura raça lusitana.

c) Será inevitável também, no futuro, a constituição de uma Federação Internacional que agrupará todas as Associações nacionais e estrangeiras dos Criadores do Cavalo Lusitano. Penso que todos estão conscientes que a APSL, por vezes se vê obrigada a assumir uma postura federativa, pela inexistência de uma organização deste tipo.

Àqueles Criadores adeptos dos motivos que estão na base da constituição da PRL, UNIÃO DOS CRIADORES PORTUGUESES DO CAVALO PURA RAÇA LUSITANA e disponíveis para dar o seu contributo, que será bem vindo, deverão fazê-lo através do e-mail: cavalos.prlusitano@gmail.com ou fax 249 976 811 ou para: PRL, RUA DO CAMPO, 44 2150 GOLEGÃ

No final do próximo mês de Março, após apreciação das opiniões e considerando enviados para os destinos acima, serão convocados os Criadores para uma reunião na Golegã, que desde já proponho que tenha lugar na Sala Lusitânia, do Hotel Lusitano, espaço não municipal, ideal para um workshop que se advinha de grande interesse para um presente melhor e um futuro programado, seguro desejo de todos nós que criam o Lusitano. Desse encontro sairão os sócios fundadores, a proposta dos estatutos e a aprovação do logótipo, cuja imagem (ao lado) se sugere, podendo ser melhorada ou alterada.

Dois círculos concêntricos onde se inscreve a denominação PURA RAÇA LUSITANA, de cor azul em fundo branco, inspirados nas tonalidades usadas nas bandeiras nacionais até à primeira década do séc. XX. Os círculos simbolizam defesa, protecção à figura central, o Cavalo Lusitano. Encimados pelo brasão de armas português, onde assentam as iniciais PRL e a palavra PORTUGAL, que reforça a designação Lusitana, as quais são indissociáveis. Unidos em baixo pelo verde (2/5) e vermelho (3/5) como na actual bandeira de Portugal. A cabeça do Cavalo, bem proporcionada, de comprimento médio, de perfil levemente subconvéxilineo, fronte levemente abaulada, olhos sobre o elíptico, grandes e vivos, expressivos e confiantes com as orelhas de comprimento médio, finas, delgadas e expressivas, caracteres do Lusitano. A cor do Cavalo é a ruça, uma das variantes mais frequentes no Lusitano, além da castanha, exaltando o mosqueado e o grisalho (pigarço).



Aceite, Meu Caro Criador, os melhores cumprimentos,

João Veiga Marques